



GT 21. Buscando a vida em paisagens incertas

Coordenador(es):

Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 1

Debatedor/a: Thomas Jacques Cortado (Unicamp)

Sessão 2

Debatedor/a: Rodrigo Charafeddine Bulamah (UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo)

Sessão 3

Debatedor/a: Federico Neiburg (UFRJ - Universidade Federal do Rio de Janeiro)

Nos últimos anos, a antropologia tem se engajado em uma crítica etnográfica ao conceito de vida, questionando binarismos que opõem vidas biológicas e vidas biográficas, naturais e sociais, os universos da vida e da morte, das vidas humanas e mais-que-humanas. Esses questionamentos ganham urgência diante de processos contemporâneos como a dessalarização do trabalho, a precarização do emprego, a carestia, as crises ambientais, o deslocamento de populações, colocando em jogo os conceitos de sobrevivência e de vida plena, de sorte, destino e força que informam as diferentes formas de se virar na vida. Interessa-nos enriquecer essa crítica de forma comparativa, aproximando contextos globais nos quais pessoas e coletivos buscam suas vidas (se viram, hacen sus vidas, make their living, chache lavi) em quadros de agudas mudanças que embaralham dimensões políticas, econômicas e ambientais. Buscamos assim revisar o próprio conceito de incerteza, retomando questões clássicas como as relações entre estrutura e conjuntura ou entre ordinário e extraordinário. Inspirados pelo tema do congresso, pensando não só saberes, mas também práticas insubmissas, convidamos a refletir de que forma as paisagens incertas envolvem perturbações nas perspectivas temporais, enquanto estados passageiros ou permanentes, compondo espaços de experiência ou horizontes de expectativas, interagindo com as relações entre gerações, mobilizando metáforas e analogias ou produzindo novos conceitos e formas associativas.

Uma exploração etnográfica do conceito de lavi no Haiti

Autoria: Felipe Evangelista Andrade Silva (ibram)

No Haiti, ?buscar a vida? [chache lavi] é uma expressão à qual se recorre com frequência, assim como é recorrente sua evocação em textos acadêmicos e jornalísticos estrangeiros, onde a tradução de ?lavi? por ?vida? sugere uma operação fácil, automática. Tratada como um dado e não como um conceito, a ?vida? aparece como uma ideia autoevidente, como se significasse apenas o intervalo entre o nascimento e a morte. Argumento que a ideia de vida está suficientemente sujeita a modulações específicas para merecer uma descrição etnográfica mais cuidadosa. Com base em uma pesquisa de longa duração na região central do Haiti, descreverei um entendimento da ?vida? que reconhece gradações, diferenças de intensidade, que assume que os vivos experimentam situações em que gozam de ?mais vida? ou ?menos vida?, bem como há situações em que, embora ninguém tenha morrido, ?não tem vida?. Como objeto declarado de uma busca incessante, a ?vida? condensa uma série de atributos através dos quais as pessoas formulam e negociam horizontes de expectativas e plataformas de desejos, que abrangem desde as condições econômicas e os estados físicos do corpo humano até a qualidade das relações interpessoais e as relações entre seres humanos e seres/forças transcendentais.



**Reunião Brasileira
de Antropologia**

SABERES INSUBMISSOS:
DIFERENÇAS E DIREITOS
RIO 2020

www.portal.abant.org.br/evento/rba/32RBA

ISBN: 978-65-87289-08-3



Sobre a 32 RBA

Em 2020, a Reunião Brasileira de Antropologia vai ocorrer de modo remoto entre os dias 30 de outubro e 06 de novembro. O evento é realização da Associação Brasileira de Antropologia e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), palco de muitas histórias de luta pela afirmação do caráter público e socialmente comprometido do conhecimento que produzimos. Estarão em discussão, na 32ª RBA, não apenas os diversos temas que constituem o verdadeiro tesouro investigativo que a antropologia brasileira forjou ao longo de várias décadas, mas também as graves questões colocadas pelo inquietante contexto social e político atual. Nele, vislumbram-se inúmeros desafios a direitos consagrados pela Constituição Brasileira e a valores éticos centrais à atuação das e dos antropólogos, especialmente o respeito às diferenças sociais, culturais e políticas, baseadas em etnia, raça, religião, classe, gênero, sexualidade, origem regional, nacionalidade, capacidades corporais etc. Hoje, mais que em qualquer outro momento histórico, os saberes antropológicos são veementemente instados a aprofundar a análise dos muitos problemas nacionais, entre os quais, a crescente desigualdade social, a real vulnerabilidade de grupos e populações e os elevados índices de violência no campo e nas cidades. Que a 32ª RBA possa trazer contribuição relevante ao país e à comunidade antropológica brasileira, em seu contínuo e árduo trabalho de refinar saberes insubmissos a todas as forças e poderes que ameacem a diversidade humana e naturalizem as desigualdades sociais.

Realização:



Apoio:



Organização: